

O FUTURO DO JORNALISMO

LITERÁRIO:

John S. Bak

THE FUTURE OF LITERARY
JOURNALISM: John S. Bak

EL FUTURO DEL PERIODISMO
LITERARIO : John S. Bak

Leila Gapy¹

Lilian Martins²

Monica Martinez^{3, 3}

RESUMO

Perfilar um dos estudiosos contemporâneos mais expressivos do Jornalismo Literário mundial é o casamento perfeito entre a responsabilidade e o desafio profissional. John Steven Bak é um homem complexo, como todo ser humano, mas de intrigante e singular personalidade. Estadunidense radicado na França há 20 anos, o professor de Literatura Americana na Universidade de Lorraine (FR) integra o grupo de pesquisadores do Centro de Pesquisas Interdisciplinares de Estudos Ingleses (I.D.E.A), tem pós-doutorado pela Universidade de Sorborne (FR), é doutor e mestre pela Ball State University (EUA) e bacharel em Literatura

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCC) da Universidade de Sorocaba (Uniso), bolsista pelo Prosup/Capes; especialista em Jornalismo Literário pela ABJL-FAVI; jornalista pela Uniso. E-mail: leila.gapy@hotmail.com. Número ORCID 0000-0002-4055-4441.

² Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP e bolsista pela Capes. É jornalista e mestre em Comunicação Midiática também pela UNESP. Tem Doutorado-Sanduiche pela Capes na Universidade de Lorraine, em Nancy, com acompanhamento do professor John S. Bak. É orientanda de Marcelo Bulhões. E-mail: lilian.juliana@gmail.com. Número ORCID 0000-0002-3301-8923.

³ Doutora em Ciências da Comunicação, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso), líder do Grupo de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (Nami) e pesquisadora em narrativas midiáticas transnacionais. monica.martinez@prof.uniso.br. Número Orcid 0000-0003-1518-8379.

³ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade de Sorocaba (Uniso), Campus Cidade Universitária, Departamento de Mestrado e Doutorado, rodovia Raposo Tavares, km 92,5, Vila Artura, CEP: 18023-000. Sorocaba, Brasil.

Americana, Britânica, Retórica e Escrita pela Universidade de Illinois (EUA). Estudioso de literatura, drama e teatro americanos, tem como principal foco de pesquisa a vida e as obras de Tennessee Williams. Há 13 anos retomou sua paixão pelo Jornalismo Literário ao fundar a Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS), por onde vem desenvolvendo inúmeros projetos. Mas Bak também é amigo e pai. E estes últimos talvez sejam os títulos que mais lhe deem orgulho. As três autoras deste texto não pouparam esforços para traduzi-lo em linhas digitais. Uma aventura marcada por encontros, pesquisas e bate-papos, mas que apesar de não dar conta de quem ele é – se é que alguma obra o dará –, promete, ao menos, trazer à luz mundana um pedaço da magia humana, vida e obra deste inspirado cientista social.

PALAVRAS-CHAVE: John S. Bak; Jornalismo Literário; Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário; IALJS; Tennessee Williams.

ABSTRACT

Outlining one of the most expressive contemporary scholars of Literary Journalism Studies is the perfect match between responsibility and professional challenge. John Steven Bak is a complex man, as every human being, but has an intriguing and unique personality. An American settled in France for the last 20 years, the professor of Literature at the University of Lorraine (FR) is a researcher at the Center for Interdisciplinary Research in English Studies (IDEA), has a postdoctoral degree from the University of Sorbonne (FR), holds a PhD and a master degree from Ball State University (USA) and is graduated in American, British, Rhetoric and Written Literature from the University of Illinois (USA). A scholar of American literature, drama, and theater, his main focus is research on the life and works of Tennessee Williams. Thirteen years ago he returned to his passion for Literary Journalism by founding the International Association of Studies in Literary Journalism (IALJS), where he has been developing many projects. But Bak is also a friend and father. And the latter may be the proudest titles he holds. The three authors of this text spared no efforts to translate all his talents into this text. An literary journalism adventure marked by encounters, researches and chats, but despite not fully accomplished detect who he is – if

any work will do – this life story promises, at least, to bring to the mundane light a piece of the human magic, life and work of this inspired social scientist.

KEYWORDS: John S. Bak; Literary Journalism; International Association for Literary Journalism Studies; IALJS; Tennessee Williams.

RESUMEN

Perfilar uno de los estudiosos contemporáneos más expresivos del periodismo literario mundial es el matrimonio perfecto entre la responsabilidad y el desafío profesional. John Steven Bak es un hombre complejo, como todo ser humano, pero de intrigante y singular personalidad. El profesor de Literatura en la Universidad de Lorraine (FR), que se encuentra en Francia desde hace 20 años, ha participado en el grupo de investigadores del Centro de Investigaciones Interdisciplinarias de Estudios Británicos (IDEA), posdoctorado por la Universidad de Sorborne (FR) y maestro por la Ball State University (EE.UU.) y bachiller en Literatura Americana, Británica, Retórica y escrita por la Universidad de Illinois (EE.UU.). Estudiante de literatura, drama y teatro estadounidenses, tiene como principal foco de investigación la vida y las obras de Tennessee Williams. Hace 13 años retomó su pasión por el Periodismo Literario al fundar la Asociación Internacional de Estudios en Periodismo Literario (IALJS), por donde viene desarrollando innumerables proyectos. Pero Bak también es amigo y padre. Y estos últimos tal vez sean los títulos que más le den orgullo. Las tres autoras de este texto no ahorraron esfuerzos para traducirlo en líneas digitales. Una aventura marcada por encuentros, investigaciones y charlas, pero que a pesar de no dar cuenta de quién es - si es que alguna obra lo dará -, promete, al menos, traer a la luz mundana un pedazo de la magia humana, vida y obra de este inspirado científico social.

PALABRAS CLAVE: John S. Bak; Periodismo Literario; Asociación Internacional de Estudios en Periodismo Literario; IALJS; Tennessee Williams.

Feito carpinteiro

John é um cara intrigante. Ele anda para lá e para cá com um típico jeitão de professor universitário. O biotipo lhe entrega a origem estadunidense. Com 1,77m, pele clara e olhos castanhos ligeiramente amendoados, ele se parece com os professores retratados nos filmes hollywoodianos. Como o brilhante mas pacato John Keating, interpretado por Robin Williams (1951-2014) em *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), está usualmente vestido com calça social escura, camisa longa branca dobrada até o meio do antebraço e pastinha de couro preta à mão com toda a papelada necessária para consulta. Como também o professor de arqueologia Henry Walton "Indiana" Jones, Jr., encarnado por Harrison Ford na trilogia que começou com *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* (1981), mostra seu lado pouco convencional: pode aparecer de bermudas e mocassins num ensolarado sábado pela manhã para participar de uma conferência que congrega os maiores especialistas de sua área ou, à convite de alunos, visitar destemidamente uma antiga fazenda no meio da Mata Atlântica para conhecer um pouco mais do Brasil imperial. Qualquer que seja o caso, ele está sempre curioso para aprender e... a postos para ensinar.

Ele não costuma subir às mesas da sala de aula para proclamar poesias ou lembrar textos clássicos de outro Williams, neste caso o dramaturgo Tennessee – sua paixão –, como fez o outro John, o Keating do filme, em cena clássica. Não. Este John, o Bak, é menos teatral, mas não menos inspirador. Exatamente como o Jones de George Lucas e Steven Spielberg, ele distribui sorrisos largos naturalmente, é simpático, carismático e, principalmente, entusiasmado quando fala sobre suas descobertas... literárias.

Sua força está nos olhos, que brilham de forma contagiante, e na sua fala, feito Sherazade na versão masculina, que encanta quem o ouve. Seja à

frente de seus alunos da Universidade de Lorraine, em Nancy, na França, onde ministra aulas de literatura americana. Na Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), em Bauru, no Brasil, onde ministrou no segundo semestre de 2017 um curso sobre Jornalismo Literário para os doutorandos. Ou no Museu Austríaco de Arte Aplicada (MAK, em inglês), em Viena, em maio de 2018; no palco, sob os olhares atentos dos pesquisadores de todo o mundo que participavam da 13ª conferência anual da Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS, em inglês), que fundou em 2006, ele se transforma num gigante, feito super-herói. Ali John está em casa; falando sobre suas paixões, a dramaturgia e a literatura, o jornalismo e as narrativas de guerra. A fala pausada, com ênfases frasais no que é importante, sinaliza a sutileza de seu coração pedagogo. Mais do que contar e ser ouvido, John quer despertar, ensinar, encantar.

Mas ele é intrigante, lembra-se? É que John é tímido. Se dando aula e palestras ele brilha, sem nem precisar da vestimenta do Homem de Aço, no dia a dia – mas fora do centro das atenções –, ele é discreto e passa quase despercebido, feito o Clark Kent da DC Comics (1938). Com a voz mansa e o gestual mais contido, feito o europeu que é há pouco mais de vinte anos, ele então sorri com o canto da boca. Os olhos prosseguem brilhantes, mas agora, abertos ao desconhecido. Observador, ele parece maravilhado com o mundo inteiro e, consciente do poder de sua participação, sempre disposto a somar, a si e aos outros. A ponto de não se permitir ter perfis em redes sociais ou valer-se de acessórios digitais de última geração para não se distrair do que realmente lhe interessa, a narrativa viva da vida em transformação. Em suas palavras, por e-mail, em abril de 2017.

Eu entendo a importância das mídias sociais como uma ferramenta para se comunicar de maneiras que nunca poderíamos ter feito antes. Mas eu acho que as pessoas estão abusando dessa ferramenta, e eu não quero fazer parte desse movimento. [...] Se eu tiver verdadeiros

amigos, posso contatá-los diretamente. Eu não preciso colocar na web. Mas eu sei o quanto a mídia social pode ser importante para os pesquisadores, para promover o seu trabalho e para os outros a ler. Mas não estou preocupado com isso. Eu faço a pesquisa porque amo fazê-la e sinto que sou bom nela e posso contribuir ao estudos. Mas deixarei aos meus leitores decidir se é ou não bom ou valioso (GAPY, 2017; tradução nossa).

Como propuseram os criadores Jerry Siegel e Joe Shuter ao descreverem o personagem Kent, John é um verdadeiro repórter (embora nunca tenha posto os pés numa redação), um curioso nato e investigador incansável. Feito o Indiana Jones, ele busca incessantemente pelo Santo Graal, seja em seu laboratório de pesquisas em Lorraine ou em sua casa, no interior de Nancy, nos livros de outros séculos, nos documentos de outras guerras, nos textos de novos autores. Achar o extraordinário em linhas codificadas é o seu trabalho de arqueologia. E John investiga, incansavelmente. Ele devora livros feito uma retroescavadeira em obra acelerada. E anota, apaga, escreve, pondera, reescreve, pensa, lê, anota, apaga, escreve, pondera, reescreve, pensa, lê, anota, apaga, escreve. Não é mera repetição. Antes, é feito carpintaria e design, arte pura.

O semeador

John e sua família vivem perto de um castelo, num bairro afastado do centro de Nancy. A vila francesa tem pouco mais de 2 mil habitantes e ruas que ficam repletas de flores na primavera. John escolheu o lugar a dedo. Queria uma casa onde as crianças, Margaux e James, agora adolescentes, pudessem brincar nas árvores do quintal e os livros conseguissem descansar em um lugar iluminado. Seu espaço de trabalho, no piso superior da casa, ganha luz por uma claraboia. Entre uma leitura e outra, é olhar para cima e ver o balançar das

folhas da árvore que fica na frente da casa. Talvez por ser um homem dos livros, ele saiba que a imaginação é fundamental para deixar a realidade mais leve.

No *Halloween*, ele vira o "Mago Vermelho". Com o rosto pintado de rubro diabólico, participa do desfile de seu bairro junto com as crianças e as acompanha na brincadeira de pedidos de doces ou travessuras. A caminhada com os pequenos termina em sua casa, repleta de enfeites monstruosos, que se enche de amigos um pouco desajeitados em suas fantasias nada amedrontadoras de zumbis, vampiros e fantasmas.

Músicas como *Thriller* e *Sympathy for the Devil*, de Michael Jackson e os Stones completam o ambiente. Criadores e criaturas estão lá, claro. Os convidados dançam, riem, comem o tradicional cachorro-quente de Chicago (EUA) feito por John e esperam pela grande atração da noite: a tradicional competição da abóbora mais assustadora. No meio das taças de vinhos, sementes das abóboras esculpidas se espalham pela mesa e pelo chão da cozinha. A escolha da melhor abóbora é disputadíssima e o vencedor leva o troféu providenciado pelo anfitrião. John entra na competição e luta com unhas e dentes em defesa da sua escultura, mas há anos não leva o prêmio. Lamenta dizendo que precisa convidar menos famílias porque elas costumam votar em seus parentes. Mas ele não consegue. O número de convidados aumenta a cada ano. Então o ganhador levanta a taça como se tivesse levado a *Champions League*, os convidados vibram e a festa entra madrugada a dentro.

O entusiasmo é o mesmo na Ação de Graças. Ainda que o feriado não seja comemorado na França, o peru e a *pumpkin pie*, tradicionais nas mesas estadunidenses, não podem faltar na casa de John. Mas é no Natal que aquele menino que cresceu no interior de Chicago ilumina, literalmente, quem está a sua volta. Dá para dizer facilmente que John tem a casa mais enfeitada do seu bairro. Os franceses ainda são tímidos quanto às decorações. Mas John tem um

arsenal de luzes, cenários em miniatura, bonecos de neve sorridentes e meias decoradas para pendurar na chaminé quase sempre acesa.

A montagem da árvore de Natal é um evento importante para a família Bak. No lugar das típicas bolas coloridas, os enfeites da árvore são memórias e *souvenirs* que ele e os filhos trouxeram das viagens que fizeram juntos. Chaveiros, fotos e brinquedos dos filhos quando eram crianças são escolhidos por eles para irem à árvore. As histórias vão surgindo na conversa dos três enquanto cada pedacinho de memória é pendurado no pinheiro escolhido cuidadosamente dias antes pelo pai. Por fim, o trenzinho que circunda os presentes no pé da árvore é ligado para girar até a manhã de Natal. Em 2017, os filhos de John ganharam os presentes pedidos ao Papai Noel em suas cartinhas e também um mimo inesperado. Montado cuidadosamente pelo pai, um álbum de fotos da viagem feita por eles para o Brasil naquele mesmo ano. Um para cada um, para acompanhá-los por onde forem em suas vidas. John é definitivamente um semeador e cultivador de sonhos e boas memórias.

Primeiros passos

John nasceu também com Steven Bak fazendo companhia ao primeiro nome na certidão, mas devido um homônimo que não admira na Ásia prefere assinar John S. Bak para ser único em fins profissionais – até porque, John Bak, sem o “S” e o ponto (S.), tem ao menos 25, segundo o LinkedIn. A família originou-se na Polônia, mas tem raízes alemãs, assim como o sobrenome. Verbalizava-se “Bônk”, com som de Ôh. A grafia original não é com acento circunflexo, mas com trema em cima da vogal, ficando então Bök, e não Bak, como a versão ocidental. Mas ao atravessar o Atlântico em busca de melhores condições de vida no início do século passado, deixaram para trás não só as

dificuldades como o Ôh e a trema. Um início, digamos, exatamente novo, não só para a vida, como para a história da descendência.

Nasceu em 6 de dezembro de 1964 numa Chicago (EUA) que estava em franco desenvolvimento industrial, com a população majoritariamente imigrante movendo-se em expansão para os subúrbios. O pai de John, filho de imigrantes poloneses, foi engenheiro elétrico, assim como seu irmão mais velho. Caçula de quatro filhos, ele parecia ter o destino traçado nas ciências exatas, como muitos de sua geração. A família residia num bairro polonês perto de North Chicago, na Normandy Avenue, não muito longe de Wrigley Field. Lar dos Chicagos Cubs, seu time de beisebol – cuja vitória na *World Series* em 2016 ele comemorou efusivamente, após o time ficar 108 anos – sim, mais de um século – sem vitórias. “Eu me lembro muito pouco, era pequeno, não tinha ido à escola ainda. Mas me lembro de frequentar um local com iguarias polonesas onde ouvia-se apenas o polonês sendo falado”, recorda ele em entrevista feita por e-mail em abril de 2017. Nesta época, completa ele, o verão de Chicago já era agressivo e “sufocante”, o que obrigava os moradores de casas antigas, como a que ele morava, a buscar algum frescor nas varandas em frente às residências. Hábito que alimentava o convívio social. “Não havia ar condicionado naquela época, então as pessoas saíam nas varandas para se refrescar e fofocar, é claro”, brinca e completa: “É triste ver que essa cultura (de conversar) agora faz parte apenas da história americana”, lamenta.

E como muitas famílias de classe média, no final da década de 1960 os pais de John mudaram-se para o subúrbio da cidade que crescia, um vilarejo chamado Schaumburg, que atualmente tem 75 mil habitantes mas que na época abrigava cerca de 500 residentes. A casa dos Bak, localizada na Carlyle Cove – fundada por imigrantes alemães –, era uma das cinco ou seis construídas na rua. Originalmente, a residência fora usada como modelo para mostrar o

estilo de construção aos potenciais moradores das demais áreas do loteamento. Ele tinha acabado de completar 5 anos quando se mudaram, o que possibilitou uma infância e adolescência “muito boas, exatamente como a maioria representadas nas séries de TV americana, cercado de outras crianças da minha idade, todos livres, com muita grama verde no bairro, ideal para jogar beisebol ou andar de bicicleta”, comenta.

No verão, construíam casas nas árvores – com madeira emprestada de alguma construção próxima –, e aproveitavam uma piscina olímpica pública que havia no final da rua onde ele residia. “Todas as crianças do bairro ficavam lá das 9h30 ao meio-dia e, em seguida, das 14h às 18h. Todos os dias”, recorda. No outono jogava futebol e brincava de “doces ou travessuras” por horas, durante o *Halloween*. “No inverno, íamos de trenó embaixo de uma colina próxima e levávamos lanternas, chocolate quentes. Ficávamos conversando. Patinávamos no gelo à noite, numa lagoa próxima da minha casa”, detalha.

John cresceu num lar estruturado. Com um pai atrelado à exatas e firme na educação dos filhos; e uma mãe articulada e independente cuja dupla jornada, uma como motorista do transporte escolar, que o levava e buscava diariamente, e outra com os afazeres domésticos – lhe possibilitou o contato precoce com aquilo que posteriormente seria chamado de ativismo feminino e provedoria patri-matriarcal. O resultado foi um John plural, que na escola era bom aluno em distintas disciplinas e que também gostava das atividades extracurriculares, como a prática de tênis, basquetebol, futebol, atletismo. “Eu realmente tive uma infância e adolescência quase perfeitas e me sinto feliz com isso”, orgulha-se a dizer ao lembrar-se de seguir feliz para a escola, à frente do ônibus, sob os olhos carinhosos da mãe, que lhe ensinavam o caminho para o mundo, os estudos.

A vez da escrita

Foi na adolescência que John participou da criação e edição de uma revista literária estudantil da escola. E sentiu que não seguiria a carreira do pai pelas ciências exatas, mas sim pelas sociais. “Eu sabia no Ensino Médio que queria ser professor universitário”, lembra. Ele escreveu poemas e histórias livres até os 22 anos. Ainda assim, matriculou-se no curso de engenharia elétrica da Universidade de Illinois, em Urbana, Illinois (EUA). “Eu era muito bom em matemática. Até porque era muito teórico (o curso)”, comenta. Kursou apenas um ano. “Mas eu odiava. Então depois mudei para literatura. Ninguém ficou surpreso, nem mesmo meu pai. Todos sabiam das minhas aspirações literárias”. Foi neste período que ele descobriu a existência do Jornalismo Literário (JL), uma sementinha plantada por um professor durante o segundo ano da graduação. “Eu estava numa classe de escrita e não ficção que era parte da grade curricular quando nosso professor leu um trecho de *Música para Camaleões* (1980), de Truman Capote (1924-1984)”, detalha.

Embora tenha descoberto depois que Capote não fora exatamente o inventor do “romance de não ficção” – como o autor gostava de dizer em vida, foi ele quem, com todo mérito, pescou John naquela sala fria da universidade estadunidense. Há de se entender o porquê. O autor do *best-seller A Sangue Frio* (1966) – que inovava ao misturar ficção e reportagem –, em *Música para Camaleões* deu ênfase à voz autoral e assumiu-se como personagem, abrindo mão da utópica imparcialidade que estrutura o jornalismo tradicional.

Ela é alta e esbelta, tem uns setenta anos, cabelos grisalhos, é bem cuidada, nem preta nem branca, de uma cor dourada e clara de rum. É uma aristocrata da Martinica que vive em Fort-de-France, mas também tem um apartamento em Paris. Estamos sentados no terraço de sua casa, uma casa arejada e elegante, que parece toda feita de renda de madeira: lembra certas casas antigas de Nova Orleans. Estamos tomando chá de hortelã gelado, levemente temperado com absinto. Três camaleões verdes perseguem uns aos outros pelo terraço; um deles faz uma pausa aos pés de Madame, exibindo a

língua bífida, e ela comenta: “Camaleões. Criaturas excepcionais. A maneira como mudam de cor. Vermelho. Amarelo. Verde-limão. Cor-de-rosa. Lilás-claro. E sabia que adoram música?”. Ela me contempla com seus belos olhos negros. “Não acredita?” (CAPOTE, 2006, P. 17).

Para aquela disciplina, John chegou a escrever alguns textos de não ficção. “Eu amava seu estilo de escrever (Capote), especialmente sua obra *Caixões Entalhados à Mão* (1979), que era uma reportagem escrita sobre assassinatos não resolvidos numa cidade do Meio-Oeste dos Estados Unidos”, diz. Mas em seguida voltou a dedicar-se à poesia e contos ficcionais. Produção estendida até a tese de doutorado. “Eu desisti de ler não ficção por um longo tempo, pois me concentrei no meu trabalho, com bolsa de estudos”, argumenta.

No terceiro ano da faculdade, John passou pela Universidade de Gales, em Swansea, País de Gales (UK). Depois voltou a Illinois e formou-se bacharel, em 1987, em Literatura Americana, Britânica, Retórica e Escrita. Dali, partiu para Indiana e na Ball University State concluiu o mestrado e o doutorado (1989 e 1993, respectivamente). O contato com a dramaturgia começou ainda na faculdade, mas foi no mestrado que ele encontrou com Tennessee Williams (1911-1983) – fonte de mais de 25 anos de pesquisas.

Fiquei interessado em Williams na faculdade, enquanto trabalhava na minha dissertação de mestrado. No ano anterior, durante um curso na Universidade de Illinois, aprendi sobre música clássica. Fiquei fascinado com Richard Wagner e sua estrutura de *leitmotiv* musical. Durante o primeiro ano do meu mestrado tive uma disciplina sobre drama americano e lemos *The Glass Menagerie* e *A Streetcar Named Desire*, e eu notei, a partir da minha experiência com a música clássica, o quanto Williams usou a música em suas peças, não para a atmosfera, mas para efeitos extraliterários. No ano seguinte escolhi como tema da minha dissertação estudar atributos wagnerianos nessas duas peças de Williams, e acabou se tornando a primeira de muitas publicações sobre o dramaturgo. Agora, 30 anos depois, eu ainda encontro motivos refrescantes para estudá-lo. Não estou repetindo meu trabalho anterior, o que pode acontecer com estudiosos de um autor em particular. Em vez disso, a imagem e a reputação de Williams mudaram tanto desde a sua morte, e ele

deixou-nos tanto trabalho publicado e inédito, que eu facilmente tenho mais dez ou quinze anos de pesquisa a fazer ainda (GAPY, 2017; tradução nossa).

O fato é que John tem noção da importância de sua colaboração para os estudos da dramaturgia estadunidense. “Eu acredito que tenho contribuído para os estudos de Tennessee Williams nessas últimas décadas. Posso dizer que sou um estudioso que potencialmente ajudou outros a entender Williams e seu trabalho”. E possivelmente a jornada de Tomas Lanier Williams III, nome correto do dramaturgo – que cresceu no Mississippi em meio a um cenário familiar abusivo, com pai alcoólatra e mãe instável –, e que costumava dizer “descobri na escrita uma fuga de um mundo real no qual me sentia profundamente desconfortável”, influenciou John a, de certa forma, também romper com os laços, no caso estadunidenses. “Eu trabalhei um par de anos lá (Indiana, EUA) e então recebi o prêmio *Fulbright* (bolsa de estudos com recurso federal) para ensinar e pesquisar na República Tcheca”, completa ele que, para amigos, costuma confidenciar que não se sentia em canteiro adubado nos EUA dos anos 1990 – que abria cada vez mais espaço aos pesquisadores imigrantes e afrodescentes. Vale lembrar que essa bolsa de estudos é vista como prêmio pelo fato de ser destinada aos pesquisadores profissionais de relevância acadêmica, com maior e melhor desempenho. Então, fazendo o caminho inverso dos antepassados, John descruzou o Atlântico para aventurar-se em outras terras buscando, também, refugio na escrita.

Os caminhos

Depois de um ano e meio na República Tcheca, John se candidatou a uma vaga na Universidade de Nancy, atual Universidade de Lorraine. Deu certo. Lá se vão 20 anos como professor na academia francesa e um extenso currículo, com

itens que provavelmente nem ele mesmo contabilizou, mas que evidenciam o homem plural, ora professor, ora aprendiz. No entanto, há destaques. Atualmente ele é diretor do Instituto das Américas da Universidade e também pesquisador do Centro de Pesquisas Interdisciplinares de Estudos Ingleses (I.D.E.A). Na página oficial deste último nota-se o pós-doutorado pela Universidade de Sorborne, em Paris (FR), realizado em 2006; além de registros como professor visitante nas universidades de Harvard, Columbia, Texas e Oxford. Embora especialista na obra de Tennessee Williams, Bak também tem estudos focados em Teoria da Comunicação, Literatura e Teatro estadunidense, autobiografismo e Jornalismo Literário mundial. Nessa última área, desenvolve há mais de cinco anos o projeto ReportAGE, sobre Jornalismo Literário e guerras.

É só pesquisar Jornalismo Literário no Google que se chega rapidamente ao nome de John. Mas o interessante na história dele é que sua relação com o assunto começou, de certa forma, por acaso. Até 2006, ano da 1ª Conferência Internacional de Jornalismo Literário – no qual a IALJS surgiu com Bak como presidente –, quando o assunto era JL, o professor era, nas palavras dele, nada mais do que um leitor fascinado pelos jornalistas literários que conheceu na faculdade. Mas tudo mudou naquele mesmo ano. Em entrevista concedida à *Revista Comunicação Midiática* da Unesp (ainda a ser publicada), Bak contou sobre seu flerte com a casualidade que o levou a ter o posto que ocupa atualmente.

Honestamente, eu não era ninguém. Se você conhecesse meu nome, era porque eu fiz estudos sobre Tennessee Williams, nada relacionado a Jornalismo. Então, algo engraçado aconteceu. Um dia, em 2005, eu estava com alguns colegas em uma mesa e nós pensamos "precisamos de uma conferência, sobre o que devemos fazer?". Digitei no Google "aniversário de 100 anos em 2006" e "A Selva" (de Upton Sinclair) surgiu como ideia, então pensei "vamos fazer um centenário de A Selva". Apesar de o livro de Sinclair ser mais um romance do que

Jornalismo Literário, eu quis celebrá-lo, e a forma que elaborei a chamada de trabalhos foi baseada em uma abordagem de Jornalismo Literário. Publiquei a chamada de trabalhos e ela chegou às pessoas certas. John Hartsock, Bill Reynolds, Isabel Soares e muitos outros. Eu recebi um e-mail de John Hartsock que dizia "Olá, meu nome é John Hartsock. Quem é você?" (risos) "Eu me interessou por Jornalismo Literário e gostaria de saber quem é você e sobre o que é essa conferência". Eu não conhecia o John e nunca tinha lido o livro dele. Nós nos comunicamos e ele basicamente disse "ok". (BAK, 2017, tradução nossa).

John Hartsock, autor do referenciado livro *A History of American Literary Journalism* (2000), compartilhou a informação sobre a conferência com David Abrahamson e Norman Sims. Esse interesse entre os pesquisadores mostrou a Bak, de raciocínio lógico aguçado, que quase não existia diálogo entre quem estudava JL. "Então pensei: vamos realizar essa conferência, encontrar essas pessoas e trazê-las aqui". A conferência sobre o centenário de *A Selva* se tornou o primeiro encontro dos pesquisadores de JL pelo mundo.

Com Bak a frente, eles se organizaram para fundar a associação, criar uma revista, votar nos editores e desenvolver o primeiro site do grupo. No ano seguinte, a conferência em Paris teve 50 apresentadores. Depois foi a vez de Lisboa, Chicago, Londres. Em 2016 o evento aconteceu em Porto Alegre, no Brasil. Já em 2017, ocorreu em Nova Escócia, no Canadá, e em 2018 em Viena, na Áustria. A lista longa de cidades pelo mundo que receberam o encontro e o número crescente de participantes mostram que a associação rapidamente foi consolidada. Apesar disso, John é modesto. "Eu não me considero um estudioso de jornalismo *per se*. Eu acho que aconteceu no lugar certo e na hora certa e trabalhei com as pessoas certas", avalia.

Mas John é plural. Não contente apenas com a formação da associação e com os encontros anuais, o "arqueólogo" tem ido além a cada oportunidade. "Eu sabia que queria trabalhar em um grande projeto sobre JL, mas a fim de trazer coerência (e financiamentos de pesquisa) para esses estudos. Então

precisava de um foco. Foi quando desenvolvi o ‘Jornalismo Literário em todo o Globo’”, explica sobre a obra que reúne 16 textos de diferentes autores sobre como o JL tem sido desenvolvido nas mais diferentes partes do mundo. Na introdução, John resume sua interpretação.

Esse livro oferece um olhar sobre como e onde o Jornalismo Literário varia (ou não), quer seja escrito em inglês, francês, português, espanhol, esloveno, finlandês, holandês, alemão, polonês, russo ou mandarim. Esses ensaios, divididos em três partes cujos tópicos se estendem entre taxonômicos, históricos e críticos, fornecem tanto uma janela para o passado quanto uma lupa para o futuro da mídia impressa nas Américas, Europa, Austrália e Ásia. Eles reexaminam as raízes históricas do Jornalismo Literário na Inglaterra e nos Estados Unidos, sobretudo por meio de perspectivas transnacionais de como os escritores em ambas as nações — homens e mulheres — têm influenciado jornalistas no exterior ou foram eles mesmos influenciados. Eles também observam o papel que o Jornalismo Literário tem desempenhado na construção da nacionalidade ou no estabelecimento de um cânone nacional. Acima de tudo, eles revelam como o Jornalismo Literário, não importa em qual linguagem apareça, se manteve leal ao seu comprometimento de informar o mundo precisamente e honestamente sobre o mágico no mundano, o grandioso no pequeno, e, acima de tudo, o nós no eles (MARTINEZ; IUAMA; GAPY, 2017).

E foi justamente nesta experiência, com faro aguçado de repórter veterano, que ele descobriu outra oportunidade. “Ali (no livro), muitos capítulos, de diferentes autores, lidavam com o JL desenvolvido, principalmente, durante conflitos, como guerras – então eu entendi que este era um tema comum entre os jornalistas literários do mundo. Descobri meu foco internacional”, explica.

Deste achado, nascia outra suspeita. Cozinhando o assunto, John assistiu a um documentário na rede de TV BBC sobre observadores de pássaros que usavam um aplicativo digital para ajudar a identificar avistamentos raros e de várias espécies de aves. O vídeo mostrava que os praticantes tiravam fotos e faziam *upload* da imagem para o site específico, adicionando informações sobre a localização e circunstância do avistamento. Os cientistas, por sua vez,

estudam o site e mapeiam essas informações, ajudando a documentar, em escala global, os hábitos de migração das aves. “O que favoreceu para o crescimento de interesse no assunto e fomento da ciência, fazendo dos cidadãos uma espécie de novos cientistas (amadores)”, explica, mencionando o uso dos aparelhos digitais, além da comunicação rápida, como um recurso a ser usado pela ciência à distância de um toque. Nascia o ReportAGE (2013-2018).

Eu imaginei que os jornalistas literários poderiam combinar estas duas vertentes de reportagem: eles poderiam capturar uma história em um canto distante do mundo que nunca chegaria às principais fontes de notícias – ou porque seu governo iria censurá-lo ou o mundo não pensava na grande guerra o suficiente para o seu público ocidental – e, em seguida, carregá-lo para o site por meio de um aplicativo. Seria uma maneira de documentar guerras que precisassem de exposição para ajudar a diminuir o sofrimento das vítimas e punir os agressores (GAPY, 2017; tradução nossa).

Entretanto, para o desenvolvimento da pesquisa, John conta com uma equipe que filtra os resultados e os publica, na língua original do informante e em inglês, para que pessoas de todo o mundo possam saber. O trabalho ainda está em desenvolvimento, e John não para. Ainda tem mais!

O meu projeto de jornalismo para o futuro é criar uma plataforma na web específica para o Jornalismo Literário, para que estudantes e acadêmicos possam acessar documentos de todo o mundo. O JL oferece uma perspectiva diferente de um evento ou mesmo de uma história, e este site contribuirá com diversas perspectivas. Além disso, o site, com o seu aplicativo, ajudará jornalistas literários a publicar suas histórias, especialmente se eles vivem em países que normalmente censuram seu desempenho. Mas, de momento, essa é apenas uma ideia. Espero trazê-la para a frutificação nos próximos anos (GAPY, 2017; tradução nossa).

Consciente da direção dos ventos, na conferência de maio de 2018 da IALJS, John estava à vontade entre amigos e novos pesquisadores, a ponto de brincar. Na abertura do painel “Literary Journalism Studies’ Emergence as an

Academic Discipline” (A emergência dos estudos de Jornalismo Literário como uma disciplina acadêmica), o professor Tobias Eberwein, presidente da Academia Austríaca de Ciência da Comunicação, iniciou a sessão mencionando que o Jornalismo Literário já dispõe de história sólida mundial e que o rumo dos próximos eventos tem de ser o futuro do Jornalismo Literário. Durante a fala de Eberwein, John compunha a mesa entre dois outros decanos dos estudos de JL, o americano Tom Connery e o britânico Richard Keeble. Num gesto espontâneo e inesperado, ele abriu os braços como uma ave marinha, apontou simultaneamente com o indicador direito a cabeça de Keeble e com o indicador esquerdo a de Connery, e disse: “Eles são o passado”. Voltando ambos os indicadores sobre a própria cabeça, disse: “Eu sou o futuro (do JL)”. A audiência não se conteve com a brincadeira e caiu na gargalhada, explodindo em aplausos. Não, talvez, porque importe quem seja o futuro. Mas porque importa quem, num momento político-econômico de instabilidade mundial como o atual – com os fundos para pesquisa, sobretudo em humanidades e comunicação, minguando a olhos vistos –, consegue agregar ao seu entorno pesquisadores engajados e motivados a continuar os estudos apesar de todos os reveses.

As definições

São muitas as questões que pairam no ar a respeito do futuro do Jornalismo Literário. Em palestra ministrada durante o 1º Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura (Epecom) da Universidade de Sorocaba (Uniso), realizada em setembro de 2017 sob o título “Jornalismo Literário de Trincheiras”, Bak não só expôs o trabalho de revisão de literatura mundial – com a história dos primeiros registros de textos escritos por soldados (evidenciado a origem antes dos anos 1960 do *New Journalism*) –, como

sinalizou a importância da literatura como recurso para explicar e expandir a compreensão da situação enfrentada pelos autores em campo, possibilitando o entendimento do leitor à complexidade da guerra ou governos censurantes. Na ocasião, John pontuou sutilmente a ligação do JL com a empática fragilidade de conflitos e como a arte pode ser usada para formar vínculos, assim como as dificuldades do desenvolvimento do JL justamente porque educa. A deixa foi solidificada na sequência quando, em entrevista aos estudantes da Uniso para artigo à revista científica *Tríade*, da mesma instituição, publicada no primeiro semestre de 2018, ele destacou a necessidade urgente do jornalismo ser ou voltar a ser, como sempre esteve em sua proposta original, pedagogo, ou seja, por meio do JL.

Não é por acaso que, durante as revoluções da Europa Oriental, as primeiras vítimas, mortas ou presas, eram artistas e dramaturgos. Quando lecionei na República Tcheca, o presidente Václav Havel foi preso porque era dramaturgo. Ele escapou da execução, mas foi preso porque todas as suas obras, de certa forma, criticavam o sistema soviético que controlava o país. Acho que toda arte é em alguma medida crítica ao sistema dominante. Desde a Antiguidade, isso sempre foi e sempre será uma verdade. Os artistas, e, por extensão, os acadêmicos que os estudam e os promovem, são uma ameaça para os estados totalitários. O que precisamos é educar as pessoas sobre essa verdade, porque os governos não mudarão sua atitude em relação às artes e suas críticas à política. (...) As democracias precisam ser educadas para entender as diferenças entre fatos, verdades e opiniões. E, infelizmente, penso que estamos nos tornando democracias preguiçosas, permitindo-nos ser influenciados por fontes externas que pensam como nós, verdadeiras ou honestas; não estamos interrogando o suficiente. Eu sempre disse aos meus alunos, independentemente da ficção, discurso ou discurso que ensino naquele momento, que é mais importante para eles não é me ouvir e o que tenho a dizer sobre essa obra, mas sim o quanto eles são capazes de interrogar a si mesmos, compreendê-los por si mesmos e questioná-los por si mesmos. (...) Acredito que o maior desafio atual do JL é realmente ser pedagogo, de alguma forma as pessoas precisam voltar a ler e gostar de ler (MARTINEZ; GAPY; CAMARGO; LIRA; FIGUEIREDO; ROCHA, 2018).

A fala de John é de múltipla interpretação e propõe atenção. Se por um lado expõe a transformação que o jornalismo mundial tem enfrentado nas últimas duas décadas – onde algumas redações se reconfiguram e outras mínguam ao sabor do avanço tecnológico –, por outro também propõe uma luz no fim do túnel. Perceber que a maior parte da produção em JL foi ou é escrita em cenários caóticos, desde falta de liberdade de expressão à falta de espaço, evidencia a pluralidade da disciplina.

Para além mais do que dizer o que é ou não Jornalismo Literário e seus rumos, uma das preocupações da IALJS, explica Bak, é desassociar o *New Journalism* – disseminado pelos estadunidenses na década de 1960 –, como a definição fundamental para Jornalismo Literário internacional. No seu texto "Rumo a uma definição do Jornalismo Literário internacional", que abre o livro *Literary Journalism Across the Globe* (2011), Bak demonstra que a preocupação maior da Associação é justamente pesquisar a diversidade das definições sobre Jornalismo Literário. "Enfatizar suas diferenças é elementar, reivindicar seu passado compartilhado, contudo, é muito mais desafiador", assume.

Sobre o *New Journalism* ser essa tentativa de passado compartilhado, Bak explica que, ao escrever a introdução do livro, tentou remodelar o argumento científico de que a os americanos são proeminentes no mundo sobre um modelo para o Jornalismo Literário. O pesquisador explica sua inquietação a partir de sua própria vivência:

Eu cresci com essas definições (sobre Jornalismo Literário), mas depois de viver por 20 anos na Europa e ter lido artigos de Portugal, China e outros, sem chances! Eu comecei a reconhecer que os americanos são imperialistas de várias formas. Sim, nós influenciemos muitas pessoas, mas essa definição não seria legítima. Também porque a maior parte delas são baseadas na mentalidade do *New Journalism*. Então meu objetivo nessa introdução foi o de dizer que não é possível continuar apenas com a definição americana, precisamos propor algo diferente, porque as tradições jornalísticas e literárias pelo mundo não são americanas e não são as mesmas (BAK, 2017).

Esse John, descrito na própria fala, é o pedagogo, o pesquisador consciente de si e agregador, capaz de reconhecer os defeitos das próprias raízes em prol de um bem maior. Como se não bastasse, no mesmo texto para o livro, Bak (2011) explica que uma definição restrita sobre o que é Jornalismo Literário, na perspectiva internacional, poderia atolar o estudo da área em disputas institucionais. Para evitar isso, é preciso que sejam estabelecidos pactos. Bak (2017) sugere três deles:

1. não tratar o Novo Jornalismo como os Dez Mandamentos do Jornalismo Literário;
2. parar de chamar o Jornalismo Literário como um gênero, ou uma forma, e começar a designá-lo do que ele realmente é: uma disciplina;
3. parar de nos preocupar com a legitimação do Jornalismo Literário, "a contínua pesquisa sobre a história e a prática do Jornalismo Literário em todo o mundo servirá para criar essa legitimação" (BAK, 2017, tradução nossa).

Com todos os obstáculos colocados aos pesquisadores do tema sobre uma definição internacional sobre Jornalismo Literário, Bak sugere que os pesquisadores façam uma visão fenomenológica dos estudos em seus países: compreender quais as influências, cenários políticos e culturais para a produção do Jornalismo Literário. Entre outras características dos pesquisadores da área, "precisamos exercitar uma sensibilidade intercultural" (BAK, 2011). Com o binóculo voltado ao futuro para avistar oportunidades, na conferência de maio de 2018 da IALJS, no painel que participou John reforçou o lema de que o JL já dispõe, mundialmente, de repertório que compõe sua própria história, e mecanismos pedagógicos para tomar para si o lugar de disciplina. Na ocasião, ele mencionou o percurso a ser adotado, como organização e agrupamento de pesquisadores em seus países (já que a associação mundial é uma prática, a IALJS); formação consolidada de grupos de pesquisas comprometidos

internacionalmente; marketing sobre os recursos e possibilidades do JL; formação de professores e emprego da disciplina nas universidades.

Bem-vindo

É com esse discernimento sobre o assunto que John S. Bak passou a ser definitivamente um nome associado à pesquisa sobre Jornalismo Literário. Por sua relevância na área, em meados de 2017, ele recebeu uma bolsa do Consulado Geral da França no Brasil em parceria com Universidade Estadual Paulista (Unesp) para fazer pesquisas no país por dois meses. Foi convidado a ministrar uma disciplina para os alunos da universidade em agosto. Antes de molhar os pés, porém, em águas tropicais, comentou, em entrevista por e-mail sobre sua expectativa para a viagem.

Para o Brasil, eu realmente não tenho ideia do que me espera. Eu vou, sem dúvida, conhecer muitos estudantes e ensinar algo, dar algumas palestras. Mas, além disso, eu realmente não sei o que mais vou fazer lá, além de fortalecer a colaboração de pesquisa de nossos dois países e, claro, conhecer o país (GAPY, 2017)!

E lá foi ele para Bauru, cidade que tem o curso de pós-graduação de Comunicação Midiática da Unesp. Em ensaio escrito para a newsletter da IALJS, Bak registrou a didática utilizada em aula, sua experiência com os alunos brasileiros e sua aventura pelas estradas e ruas no país. Para o professor de literatura que veio de uma família de engenheiros e gostava de matemática, os caminhos tortuosos que pegou não deixam de ser uma metáfora sobre o Brasil. O divertido começo de seu ensaio sintetiza sua impressão e traz uma boa amostra do estilo narrativo de John, repleto de saborosa ironia:

Porque brasileiros amam usar metáforas – está bem, "usar" talvez não é a palavra certa. É algo mais como "tem satisfação em usar" – e estou escrevendo isso de São Paulo, vou começar com uma metáfora: o Brasil é um ângulo agudo. De fato, o Brasil aparentemente despreza todos os ângulos retos [...]. Interseções raramente pedem uma rotação à direita ou à esquerda de 90°. Isso cria um inferno para a senhora do

aplicativo Waze que tenta encontrar a palavra certa para lhe dizer onde e precisamente como virar: "fique à esquerda e depois vire à direita", "pegue à direita aqui", "pegue a estrada à direita e depois vire ligeiramente à esquerda antes de voltar"... Eu imagino que existam tantas estradas no Brasil que o Waze nem sequer sabe sobre elas, por isso o que a senhora do aplicativo faz é realmente apenas tentar dar um palpite educado para dizer onde se deve virar. Claro, isso pode ser divertido: você pode ser levado para uma das onipresentes estradas de terra (a evitar depois de alguns dias de chuva, a menos que você esteja dirigindo um caminhão-monstro) para uma incrível fazenda de café ou para uma pousada com riachos murmurantes, cascatas e cachoeiras. Ou você pode ser levado diretamente a uma favela, com a voz agradável no seu iPhone orgulhosamente anunciando: "Você chegou ao seu destino". (BAK, 2017, p.11, tradução nossa).

De São Paulo a Bauru, gasta-se cerca de 3 horas de carro "(ou quatro a cinco horas, dependendo de onde o Waze decida te mandar primeiro)", comenta o aventureiro perdido. Bak conta que Monica Martinez, docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), o recebeu gentilmente em São Paulo. Foi ela que lhe explicou o "jeitinho brasileiro" que ele encontraria em sua estada no Brasil. "Essencialmente significa não fazer as coisas da maneira mais direta possível e, quase certamente, não em tempo", explica John para os leitores do periódico. Depois de entender o "*way of life* dos brasileiros", Bak diz que não se surpreendeu em receber, apenas alguns dias antes de começar a disciplina, o pedido da Unesp pelo nome do curso e das informações gerais sobre ele para repassar aos alunos. Um alento ao professor foi, como conta John, a organização de Danilo Rothberg, coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação Midiática da Unesp, que se tornou seu amigo e assumiu o controle da situação. "Eu acho que ele gosta de ângulos retos, de uma certa forma, já que seu pai é americano", ironiza o professor.

Enfim, o tema da disciplina foi decidido: um panorama sobre Jornalismo Literário dos EUA da Guerra Civil aos *New New Journalists* ("U.S. Literary

Journalism from 'Yellow Journalism' to the 'New New Journalists', foi o nome da disciplina em inglês). A aula foi aberta para todos os interessados, estudantes ou não da Unesp. O único pré-requisito para participar da disciplina era ser fluente em inglês (John se ofereceu para fazer a aula em francês, mas pouquíssimos alunos entendiam a língua). Cerca de 12 alunos de mestrado e doutorado participaram com entusiasmo da aula. Alguns deles viajavam cerca de 200 km todos os dias para participar da disciplina que durou uma semana. Foram cerca de 4 horas por dia de conteúdo, leituras, vídeos e trabalhos em grupo. "Eles não só conseguiram me seguir, como foram em grande parte interativos. Se eles não pudessem responder em inglês, eles o faziam em português e, se eu não os entendesse, alguém da turma traduzia para mim", explicou John sobre a dinâmica.

Foi uma grande experiência de ensino em geral, especialmente para mim: os estudantes raramente têm cursos em inglês oferecidos por professores estrangeiros e eu finalmente encontrei estudantes que participaram ativamente na aula (quem ensinou estudantes franceses vai entender o que eu quero dizer). (BAK, 2017, p.12, tradução nossa).

Na prática

A metodologia da aula merecem ser detalhadas como exemplo do que é possível fazer nas aulas de Jornalismo Literário. Preocupado com a quantidade de horas por dia, Bak planejou aulas bastante didáticas. Em uma das atividades foi pedido que a turma se dividisse em grupos de três alunos. Eles receberam uma lista de mais de 30 itens que caracterizavam o Jornalismo Literário. Juntos, os alunos deveriam escolher apenas cinco características que consideravam mais importantes. "Cada item da lista era importante e individualmente válido. Então, escolher apenas cinco foi uma tarefa difícil". Entre as trinta características listadas estavam, por exemplo, os seguintes itens:

1. O escritor deve ser jornalista em primeiro lugar, com notória habilidade literária;
2. A história pode ser até mesmo uma prosa, desde que seja jornalística;
3. A história deve conter os comentários editoriais do autor;
4. O autor deve estar livre de todo preconceito ao relatar a história;
5. A história deve ser apoiada por notas escritas ou gravadas para verificação posterior, se necessário;
6. A história deve ser 100% factual;
7. Etc. (BAK, 2017, p.12, tradução nossa).

Depois de cerca de meia hora, cada grupo apresentou sua lista de classificações para o resto da turma. "Surpreendentemente, cada uma das suas cinco principais listas foi diferente. Apenas um item era comum entre todos eles - e não foi o que diz que a história deve ser 100% factual", relatou John. O único item comum entre todos os grupos foi que o autor deve estar livre de todo preconceito ao relatar a história e, ainda assim, o item não foi classificado da mesma forma em cada lista.

Nós então discutimos por que eles escolheram esses cinco itens. Foi realmente uma experiência esclarecedora para todos nós, e nos ensinou tanto sobre as diferenças entre nossas culturas, como sobre nossas visões internacionais sobre o que *realmente* se passa com o Jornalismo Literário hoje (BAK, 2017, p.12, tradução nossa e grifo do autor).

Como avaliação final da disciplina, Bak pediu que cada aluno escrevesse um ensaio com cerca de mil palavras em inglês. Era preciso também incluir uma autoanálise de cerca de 300 palavras no ensaio que deveria partir de um dos seguintes tópicos:

1. Escolha um evento dentro de uma história e encontre uma lacuna. Essa lacuna pode ser temporal ou espacial; pode estar dentro de dois parágrafos, dentro de duas frases, ou mesmo dentro de duas palavras. Agora, adicione novo material de 700 palavras para preencher essa lacuna que você encontrou. Você vai criar o material, mas precisará copiar o estilo do escritor o mais próximo que puder. O objetivo é tornar o novo material tão transparente que outro leitor não seja capaz de ver onde termina o trabalho do autor original e onde começa o trecho criado por você. Em seguida, adicione uma autoanálise de 300 palavras sobre o motivo

pelo qual você escolheu esse autor e esse texto, e, além disso, por que você escolheu este lugar particular no texto para adicionar sua recriação. Finalmente, explique como você tentou recriar a voz do autor original (em outras palavras, o que você encontrou na leitura daquele autor que distingue sua voz de outro escritor de Jornalismo Literário? O que você tentou fazer para reproduzir esse estilo na escolha das palavras, no comprimento e ritmo da frase etc.?).

2- Escolha um trecho de cerca de 700 palavras de um autor estudado em sala de aula (o texto deve estar em inglês originalmente, e não deve ser uma tradução para o inglês). Agora escolha outro autor que estudamos cujo estilo você gostou particularmente ou achou interessante. Em seguida, tente reescrever, com 700 palavras, o trecho do primeiro autor imitando a voz do segundo autor. Finalmente, em uma breve autoanálise de 300 palavras ou mais, explique os traços do segundo autor, voz / estilo, que você tentou replicar (em outras palavras, o que você encontrou ao ler esse autor que distingue sua voz de outro escritor de Jornalismo Literário? O que você tentou fazer para reproduzir esse estilo na escolha das palavras, no comprimento e ritmo da frase etc.?).

3- Escreva uma introdução de 700 palavras (em inglês) de uma narrativa de Jornalismo Literário que você gostaria de escrever. Então, em uma breve autoanálise de 300 palavras ou mais, explique as razões por trás da escolha do tema de sua história, bem como as características do Jornalismo Literário que você esperava reproduzir (é mais como pré-New Journalism, New Journalism, ou New New Journalism?). Em seguida, discuta as dificuldades que você teve em escrever e pesquisar essa história: mostre o que você espera que esta história pode revelar para o leitor; discuta seus planos para terminar a história, inclua onde você gostaria de enviar seu texto para publicação etc. (BAK, 2017, p.12, tradução nossa).

Bak diz que entende que ao solicitar que os alunos "criem" um material estaria indo contra um dos princípios básicos do Jornalismo Literário: ele não pode ser inventado. Mas que o exercício respondeu ao objetivo da disciplina que era reconhecer o "literário" no Jornalismo Literário.

Eu sou um forte adepto da ideia de que é papel do leitor tornar o jornalismo "literário". Muitas vezes nós nos concentramos no autor e no texto, procurando por cenas, diálogo, metáforas, imagens e "traços" óbvios de Jornalismo Literário indicados por Wolfe e por outros, mas essa abordagem deixa o leitor fora da fórmula. Quando eu ensino literatura, eu nunca pergunto ao estudante, "Isto é literatura?" (isso é assumido a priori), mas sim: "O que torna isso literatura?" (a análise literária raramente faz essa pergunta e, ao invés disso, fornece respostas indiretamente, procurando por vários insights no texto). [...]. Eu queria ver como os alunos responderiam aos vários textos que designei. Ao pedir que eles reproduzissem o estilo de um consagrado jornalista literário, eu não pretendia que eles copiassem

esse autor, mas reconhecessem o que faz o estilo de tal autor particularmente atual e excitante. A linguagem descritiva de Hersey, o discurso indireto livre de Capote, a pontuação pouco ortodoxa de Wolfe, o impressionismo de Herr, a enganosa objetividade de Didion. O material dos alunos foi criativo e a reprodução do estilo foi prova da tentativa consciente deles de entender a qualidade literária por trás do jornalismo (já que todos eram jornalistas ou estudantes de jornalismo, eles não precisaram tanto de informações sobre as qualidades "jornalísticas" dos textos). [...]. No geral, foi um prazer ler as atividades". (BAK, 2017, p.12-13, tradução nossa).

Em seu ensaio, Bak diz que seu objetivo foi dar "dicas de ensino" para quem está procurando uma maneira diferente de estudar o "literário" do Jornalismo Literário. O professor sugere, claro, que as atividades sejam modificadas e ajustadas às necessidades dos alunos, mas indica fortemente que cada exercício seja acompanhado da pequena autoanálise onde o estudante explica o que motivou sua escolha pelo exercício e como ele entendeu o estilo e o conteúdo do autor. Para Bak, isso é tão importante quanto o texto recriado em si.

O ensaio ainda traz exemplos das narrativas criadas pelos alunos da Unesp vale ser lido na íntegra⁴. No fechamento de seu texto, duas características marcantes de Bak aparecem: sua modéstia e novamente sua ironia:

Eu não sei se meu curso teve o material "certo", ou se eu estava mesmo "certo" em permitir que os alunos criassem um material dentro de suas produções de Jornalismo Literário. Mas este é o Brasil, afinal, e as coisas aqui raramente precisam ser "certas" para ser consideradas "corretas". (BAK, 2017, p.13, tradução nossa).

Depois dessa primeira experiência em terras tupiniquins, John voltou ao Brasil em setembro de 2017 para participar do 1º Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pela Universidade de

⁴ A Newsletter está disponível em: <http://ialjs.org/wp-content/uploads/2017/11/IALJS_Literary_Journalism_Newsletter_V12_Winter2018.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

Sorocaba (Uniso), quando ministrou a palestra sobre Jornalismo Literário, Cultura Brasileira e Jornais de Trincheiras. Na Uniso, concedeu uma entrevista em que relembrou a importância da experiência didática no Brasil.

Eu aproveitei muito. Foi um prazer conhecer os estudantes daqui. Porque lecionar na França ou Europa é muito diferente. O relacionamento entre os estudantes e os professores é muito formal e é legal ter essa experiência de poder interagir, ter uma relação próxima com os alunos. Eu vou sentir falta disso quando eu voltar para a França, onde eu não tenho isso. (MARTINEZ; GAPY; CAMARGO; LIRA; FIGUEIREDO; ROCHA, 2018, p.166).

Quando perguntado sobre se descobriu algo diferente sobre o Jornalismo Literário no Brasil, também respondeu sobre os alunos.

Sim, eu definitivamente descobri. Eu ensinei classes da Unesp e foi muito diferente do que eu já ensinei na França, e eu não poderia saber disso até eu chegar aqui. Os estudantes são tão diferentes nas suas relações, como mencionei anteriormente, e por causa disso eu tive que achar um jeito mais interativo de ensiná-los. Na França é muito hierárquico. O professor é o conhecimento e os estudantes anotam, há apenas uma pequena discussão em aula e pronto. Aqui é interativo, e eu prefiro essa abordagem. Então tentei dar mais exercícios em sala, para que os estudantes se envolvessem uns com os outros, para que debatessem suas visões de Jornalismo Literário. E isso foi absolutamente prazeroso. Foi muito animador me forçar a repensar a pedagogia e o meu modo de ensinar, o que eu não tive que fazer em 20 anos (lá na França). (MARTINEZ; GAPY; CAMARGO; LIRA; FIGUEIREDO; ROCHA, 2018, p.166).

Se na França o sistema é hierárquico, no Brasil, o intercâmbio de John com os estudantes brasileiros realmente foi além do que, como ele mesmo disse, o esperado. Depois de ministrar o curso na Unesp e a palestra na Uniso, o professor visitou vários lugares na companhia dos filhos e também com colegas. Sabendo de seu interesse por narrativas de guerra, estudantes da graduação da Uniso propuseram um passeio pelo coração do Brasil, numa visita à Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, também conhecida como Floresta

Nacional de Ipanema (Flona) – área da Mata Atlântica paulista protegida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em Iperó (SP) – empreendimento da Coroa Portuguesa em 1810 que obtém o título de a primeira siderúrgica das Américas.

O traslado de São Paulo-Sorocaba, a palestra, a entrevista concedida aos graduandos na rádio Uniso, o almoço com docentes e a hora avançada da tarde quente de primavera não tiraram o bom humor nem o fôlego do professor numa corrida automobilística à entrada da antiga fazenda, então prestes a encerrar o expediente. Na chegada, John deixou o carro agitado, questionando se estava realmente “dentro” da Flona ou ainda precisava correr, desta vez, com as pernas. Dentro do imenso jardim tropical, John registrou tudo com sua máquina fotográfica digital, sem touch screen, mas com tela digital e botões, original dos anos 2000 – um sinal de resistência à pressa tecnológica. Ao fim da viagem, lembrando dos pássaros livres entre o anil e o ouro do céu sem fim, e da brisa que penteava a grama à tardinha, ele mencionou em dedicatória num livro à professora Monica a gratidão por ter vivenciado o que ele chamou de “aventura inimaginável”.

Os alunos da disciplina na Unesp e da palestra na Uniso garantem que vão continuar participativos caso John resolva voltar ao Brasil. Eles torcem por mais visitas, cheios de admiração por esse professor americano que, lá da França, mudou os rumos da pesquisa sobre Jornalismo Literário pelo mundo.

Na França

Em novembro de 2017, além dos trabalhos de pesquisa e das orientações de seus alunos de doutorado e mestrado, Bak ministrou a disciplina *Challenging Gender Norms in Mid-Century America*, na pós-graduação da Universidade de Lorraine. Em dias em que a temperatura não passava os 3 graus lá fora, a sala

de aula foi um espaço aconchegante. Não só pelo aquecedor e pelo café e chá quentes providenciados pelo professor preocupado com a temperatura de seus alunos, mas principalmente pela força da análise apresentada como modelo possível para os alunos da pós-graduação.

Duas obras foram colocadas como objeto de análise por Bak: a peça de teatro *Cat on a Hot Tin Roof* ("Gata em Telhado de Zinco Quente"), escrita por Tennessee Williams, em 1955, e que deu a ele o Pulitzer de Dramaturgia, e o livro *The Sun Also Rises* ("O Sol também se Levanta"), publicado por Ernest Hemingway em 1927. Nos dois livros, a discussão sobre gênero é central. Bak analisa o ideal masculino desconstruído nas duas obras com respaldo teórico abrangente. A adaptação de *Cat on a Hot Tin Roof* para o cinema, em 1958, também esteve no foco da disciplina. O filme dirigido por Richard Brooks, que não agradou Tennessee Williams, não trouxe as questões que colocam em dúvida a orientação sexual de Brick, personagem central da história (possivelmente por uma preocupação moralista da época).

Chama atenção o olhar analítico dado pelo professor para interpretação contextual das narrativas. Entre diferentes teorias, a análise dos textos de Williams e Hemingway ganha vigor de atualidade quando substanciada pela teoria *Queer* de Judith Butler.

Mas a vivacidade da aula parece concentrar-se mesmo em Bak, visivelmente renovado. De fato, os alunos participam pouco. John pergunta, instiga, pede comentários e, quase sempre, os alunos ficam em silêncio. Não poucas vezes John comenta que fica intrigado se a aula de fato está sendo interessante e proveitosa. Afinal, o entusiasmo de seus alunos quase não pode ser percebido. Mas ele existe, apesar de não se assemelhar à espontaneidade brasileira. Nos corredores, os estudantes da disciplina comentaram sobre a importância da aula de John para sua formação e sobre a sagacidade de sua

escolha analítica para os temas levados à aula. Eles concordam que interagem pouco mesmo quando a aula é, nas palavras deles, muito boa. É o “jeitinho francês” de ser aluno na universidade. *C'est la vie!*

Referências

BAK, John S. A Toward a definition of International Literary Journalism. **Interférences littéraires / Littéraire interferences**, Leuven, Belgium, n. 7, p. 129-138 Novembre 2011.

BAK, John S; REYNOLDS, Bill. **Literary Journalism Across the Globe**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2011.

_____. Flexible Approaches to Teaching Literary Journalism: an American from France, teaching Literary Journalism in Brazil. **Literary Journalism. The Newsletter of the IALJS**. (International Association for Literary Journalism Studies), vol. 12, n.1, p. 11-13, winter 2018. Disponível em: < http://ialjs.org/wp-content/uploads/2017/11/IALJS_Literary_Journalism_Newsletter_V12_Winter2018.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

CAPOTE, T. **Música para Camaleões**. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2006.

GAPY, L. Questions, Sorocaba University [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por john.bak@univ-lorraine.fr, em 2 mai. 2017.

HARTSOCK, JOHN. **A History of American Literary Journalism**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2000.

MARTINEZ, M.; GAPY, L.; CAMARGO, B. E.; LIRA, E.; FIGUEIREDO, V.; ROCHA, A. L. Entrevista com o professor John S. Bak. **Tríade**, Sorocaba, SP, v. 6, n. 11, p. 165-173, mai. 2018

MARTINEZ, M.; IUAMA, T. R.; GAPY, L. Rumo a uma definição de Jornalismo Literário. **BJR**, Brasília, DF, v. 13, n. 3; dezembro, 2017; 136-161. Disponível em www.bjr.sbpjor.org.br.

SINCLAIR, U. **The Jungle**. New York, EUA: Doubleday, Jabber & Company, 1906.